

Caderneta tradicional não perderá correntistas

Aplicador brasileiro é bastante conservador e não deve mudar de tipo de aplicação

SERGIO LAMUCCI

Num primeiro momento, os recursos aplicados na caderneta de poupança tradicional não devem migrar para o depósito de reaplicação automática (DRA), segundo avaliação da maioria dos profissionais do mercado.

“O aplicador brasileiro é conservador”, diz o diretor de crédito imobiliário e poupança do Banco de Boston, Fábio Nogueira. “Se fosse para mudar de aplicação, o dinheiro da caderneta tradicional já teria ido para os

fundos de commodities nos últimos tempos.”

E, além dessa predileção do brasileiro pelo tradicional, o DRA não deverá competir diretamente com a caderneta comum. Por ter prazo mínimo de 90 dias, a nova aplicação tende a atrair principalmente o investidor de alta renda, que pode deixar seu dinheiro parado por tanto tempo.

“É preciso diferenciar o poupador, que é mais conservador, do investidor, que é mais ousado”, diz o diretor do Bamerindus Pessoas, Assis Ribeiro.

Além disso, a maioria dos bancos impôs o valor de R\$ 5 mil como limite mínimo para aplicação no DRA, quantia proibitiva para a maior parte da população — afinal, como informou o pre-

sidente do Banco Central (BC), Gustavo Loyola, 98,4% das contas bancárias no País têm saldo menor do que R\$ 5 mil.

Por isso, a chamada nova caderneta deve concorrer diretamente com os CDB e os fundos de investimento. Mesmo assim, especialistas do mercado não apostam numa migração imediata de recursos dessas aplicações para o DRA.

“Enquanto não houver a remodelação dos fundos, como o fim da liquidez diária dos fundos de commodities, por exemplo, a movimentação de recursos de uma aplicação para outra não deverá ser significativa”, afirma o gerente de operações financeiras do Banco de Crédito Nacional (BCN), Jairo Prado.